



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Junho

Nº 173

ESQUERDA SOCIALISTA - MESTRA DA FALSIDADE E DA HIPOCRISIA

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

Os socialistas condenam o Movimento Civil-Militar de 31 de Março de 1964, dizendo que teria sido imposto pelos EUA, e acusam os regimes militares por suposto conluio com países do Cone Sul na chamada Operação Condor [*suposta ação conjunta estabelecida pelos regimes militares do Cone Sul (da América do Sul) para combater a luta armada na região. A esquerda acusa esta iniciativa por diversas violações aos direitos humanos*].

No entanto, aceitam sua própria submissão a matrizes internacionais do socialismo revolucionário ou se calam quando o governo petista devolve refugiados cubanos à ditadura castrista, o ícone da liderança socialista tupiniquim.

Segundo a esquerda, os EUA planejaram e desencadearam o Movimento Civil-Militar de 31 de Março de 1964, sendo o cidadão brasileiro, as instituições nacionais e os soldados da Pátria meros coadjuvantes.

O envolvimento de um país na política interna de outro sempre existiu e os EUA como a URSS o faziam com seus serviços de inteligência e diplomacia. Os socialistas distorcem, segundo seus interesses, atividades normais existentes nas relações internacionais. Alguém é ingênuo de pensar que o Brasil não se envolva em assuntos de outros países? O que fizeram os governos de Lula e Dilma Rousseff, respectivamente, nas crises de Honduras (2009) e do Paraguai (2012).

Os EUA apoiavam financeiramente institutos, partidos e políticos anticomunistas brasileiros, temerosos da guinada à esquerda do cenário nacional. Acompanhavam a situação e, com a ameaça de uma guerra civil revolucionária, preparavam-se para apoiar os oponentes a Jango ou mesmo intervir militarmente. Não aceitariam passivamente a queda do Brasil na esfera da URSS, pois seria fatal para sua liderança continental ao arrastar toda a América do Sul para o socialismo.

A URSS também apoiava organizações ligadas ao movimento comunista internacional (MCI). O Partido Comunista Brasileiro (PCB) não era nacional, de fato, pois, desde sua fundação, fora um vassalo do Partido Comunista da URSS, seguindo suas ordens e diretrizes. As Ligas Camponesas e os Grupos dos Onze eram financiados por

Moscou para a luta armada, caso a via pacífica - subversão e infiltração - não lograsse êxito. A KGB, órgão de inteligência da URSS, infiltrara-se nos ministérios, empresas estatais, Forças Armadas (FA), mídia, igreja e instituições científicas e educacionais.

As famosas cartas do embaixador Lincoln Gordon não indicam participação dos EUA na preparação nem na condução do Movimento de 31 de Março, mas sim que monitoravam a situação e pensavam na possibilidade de intervir. Em seu livro sobre o “31 de Março”, Lincoln Gordon escreveu que “o autor do golpe contra Goulart foi o próprio Goulart. Se ele fosse mais habilidoso, teria pressionado por suas reformas dentro do âmbito constitucional, em vez de ceder à tentação de seguir os modelos de Getúlio Vargas e Perón”.

A historiadora Phyllis Parker publicou o livro “1964: O Papel dos EUA no Golpe de Estado de 31 de Março”, entrevistando os principais personagens do episódio e acessando correspondência secreta. Disse não ter encontrado provas da participação direta dos EUA, mas sim que apoiaram o seu desenlace, acompanharam a evolução dos acontecimentos e tinham um plano para o caso de uma guerra civil. Uma esquadra iniciara deslocamento dos EUA para o sul, no final de março de 1964, mas retornou do Caribe, após o rápido sucesso do Movimento (pg. 99 a 116). Foi melhor assim, pois se a esquadra desembarcasse tropas no Brasil, mudaria todo o contexto do conflito. A massa das FA reagiria contra a violação de nossa soberania e do sagrado solo da Pátria.

Problemas brasileiros são resolvidos entre brasileiros! Lembro-me de meu pai ter dito, coloquialmente, várias vezes: “se os gringos desembarcassem no Brasil eu me aliava aos comunas e, depois de expulsar os gringos, voltaria a guerrear os comunas”.

O livro “A KGB e a Desinformação Soviética” de Ladislav Bittman, do Serviço de Desinformação da Tchecoslováquia, afirma ser fictícia a “Operação Thomas Mann” para derrubar governos latino-americanos. Foi forjada pela KGB.

E o que dizer da tão propalada Operação Condor? Ora, assim como hoje existem a Conferência dos Exércitos Americanos e as Reuniões Bilaterais e Regionais para tratar de assuntos de pessoal, operações, ensino, logística, doutrina e inteligência (inclusive antiterrorismo), naqueles anos havia reuniões para tratar de assuntos militares, intercambiar informações, experiências e cooperar no combate à ameaça vermelha, evidenciada na luta armada que vingava no Cone Sul. E por que não? Era lógico que os governos agredidos se aliassem contra a guerra revolucionária de âmbito internacional para implantar ditaduras socialistas em toda a América do Sul.

No início dos anos 1960, a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) exportava a guerra revolucionária a partir de Cuba para todo o Continente. Além disso, como escreveu Hermógenes de Arce em “Terapias para Cerebros Lavados” (Cap. VII; p.277):

En 1974, se fundó en París una Junta de Coordinación Revolucionaria integrada pelo Ejército de Libertación Nacional de Bolívia, Ejército Revolucionario del Pueblo de Argentina, el Movimiento de Libertación Nacional Tupamaros de Uruguay y el Movimiento de Izquierda Revolucionaria de Chile (-) y junto com ellos luchará por fortalecer y acelerar el proceso de coordinación de la izquierda revolucionaria latinoamericana y mundial.

A luta armada no Brasil também era dirigida e financiada pelas matrizes soviética e chinesa e seus combatentes preparados em cursos por elas e nelas organizados. Mas os socialistas nunca se revoltaram com essa Operação Condor Vermelha. Essa podia?

É que eles são os mestres da falsidade e hipocrisia. Presunçosos e prepotentes, julgam-se com direito de agir de forma violenta e traiçoeira para implantar o regime socialista – a democracia do partido único: sem alternância do poder; sem propriedade privada; sem liberdade de expressão; com mercado e bens de produção controlados; e com a Nação servil ao partido, tal qual nos paraísos cubano, soviético e chinês.



HISTÓRIA ADMINISTRATIVA DO BRASIL (Parte I)

Francisco de Paula e Azevedo Pondé (*)

Extrato de: Organização e Administração do Ministério da Guerra no Império
BIBLIEx, 1982 (páginas 70/72) - transcrição.

Armamento do Exército

No Primeiro Reinado, de 1821 a 1831, as tropas eram armadas com o seguinte armamento:

Infantaria ligeira - caçadores: carabinas de pederneira belga de fabricante Perlot, de calibre de 19 mm; espadas - baionetas e piques para os sargentos. Oficiais - sabres curvos com corpos abertos e o brasão imperial.

Infantaria de linha - grandes e fuzileiros: espingardas de pederneira de fabricação inglesa Tower e Brown-Bess: terçados de modelo francês. Oficiais inferiores - (sargentinas. Oficiais - sabres com os corpos abertos e brasonados, às vezes com a inscrição "Viva o Imperador".

Cavalaria (guardas de honra, caçadores a cavalo e lanceiros): clavinhas Tower e Brown-Bess, de 19 mm de calibre, de pederneira modelo de 1822; pistolas de arção Tower, do mesmo calibre e modelo; sabres curvos, modelo alemão, marca Xoster; lanças de meia lua na base da choupa. Capacetes de modelo bávaro para as *guardas de honra*, de couro com virola e guarnições de metal, penacho lateral e crina; espada *latte* de corpos abertos/dourados e brasonados, com o dístico na lâmina: "Viva o Imperador".

Artilharia: canhões de bronze, de alma lisa e anticarga de calibre variável entre 80 e 140 mm; canhões de ferro fundido ingleses com as iniciais dos Reis da Inglaterra Jorge III e Jorge IV.

Fortalezas: Artilharia de alma lisa, anticarga e fogo a morrão. Colubrinas de ferro de 16 a 3 calibres, canhões de ferro de 36 a 2 calibres e mosteiros de 9 1/2 a 8 1/2.

Canhões de bronze de 40 a 7. Atiravam ardentes, balas esféricas, palanquetas e balas encadenadas. Usavam também trabucos de posição e esmerilhões dos fabricantes Tower, Lacy, Lion, Brown-Bess e Robert. O trabuco era uma arma muito pesada, de pederneira, com a boca de sino que atirava sobre forquilha. Esmerilhão era mosquete curto e de grande calibre.

Arsenais, Fábricas e Trens

Arsenais de Guerra

Na Corte, existia o Arsenal Real do Exército, conhecido mais como Arsenal de Guerra, antiga "Casa do Trem" levantada ao lado do antigo forte de Santiago em 1762 pelo conde de Bobadela, quinquagésimo quarto governador do Rio de Janeiro e capitão-general, como testemunha a cartela de lioz (calcário branco e duro), em estilo barroco, sobre a porta principal do edifício. Nela nasceu a indústria militar que precedeu de mais de um século a indústria civil. Seus primórdios tiveram origem no início do século XVIII, como atesta a carta do Conde da Cunha, de 5 de setembro de 1764, lembrando-os a Francisco Xavier de Mendonça Furtado:

"Uns armazéns e talheiros que servem de trem e neles se recolhem e fabricam os escaleres e embarcações precisos como se mostram na planta e V. Excia estará lembrado deles porque ambos os vimos no ano de 1773 (...)".

O conde da Cunha projetava construir, como construiu, ao lado da "Casa do Trem", o Arsenal do Trem, com arcadas, salas e oficinas, conjunto atualmente ocupado pelo Museu Histórico Nacional e onde pode ser visto o sobrado da "Casa do Trem", com sua fachada original restaurada este ano. O Arsenal em 1909 foi transferido para o Caju e ainda hoje está em funcionamento.

No Rio Grande do Sul - Foi fundado, em 1773, o "Trem de Guerra de São Pedro do Rio Grande do Sul", cuja denominação em 1831 era "Arsenal de Guerra do Rio Grande do Sul", transferido de Porto Alegre para a cidade de General Câmara, antiga Margens do Taquari, ainda em atividade.

No *Pará, Pernambuco, Bahia e Mato Grosso* foram instalados, depois da Independência, arsenais de guerra em seus antigos trens, hoje não mais existentes.

Nas províncias do *Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, São Paulo (Santos), Minas Gerais, Santa Catarina e Goiás* existiam Armazéns de depósitos de artigos bélicos, chamados também de trem.

Fábricas

A *Fábrica de Pólvora da Lagoa de Rodrigo de Freitas*, instituída por D. João a 13 de maio de 1808, foi transferida em 1831 para a Raiz da Serra da Estrela, nos terrenos adquiridos das fazendas Cordoalha ou Cordoaria, Mandioca e Velasco, situadas a duas léguas do antigo porto de Estrela. Existindo atualmente em funcionamento.

Fábrica de Armas da Conceição e Casa de Armas instaladas dentro da fortaleza da Conceição no Rio de Janeiro. A segunda foi erguida em 1765 e o prédio que conserva, no momento, a mapoteca do atual Serviço Geográfico do Exército, ainda se encontra com as fachadas originais. Em 1810, D. João mandou vir de Lisboa uma companhia de armeiros alemães e mandou construir um edifício apropriado, na mesma fortaleza a *Fábrica de Armas da Conceição* que depois foi incorporada ao Arsenal de Guerra.

Real Junta dos Arsenais do Exército, Fábrica e Fundições. Instituída por D. João pelo alvará de 1.º de março de 1811, superentendia a indústria militar acima assinalada.

A *Fábrica de Ferro de São João de Ipanema*, criada por carta régia de 1810, foi transferida em 29 de março de 1825 para o Ministério do Império, só revertendo ao da Guerra em 15 de setembro de 1851.

Fábricas de Pólvora foram criadas, depois da Independência, em Mato Grosso e Ouro Preto, mas não chegaram a produzir ou tiveram vida efêmera.

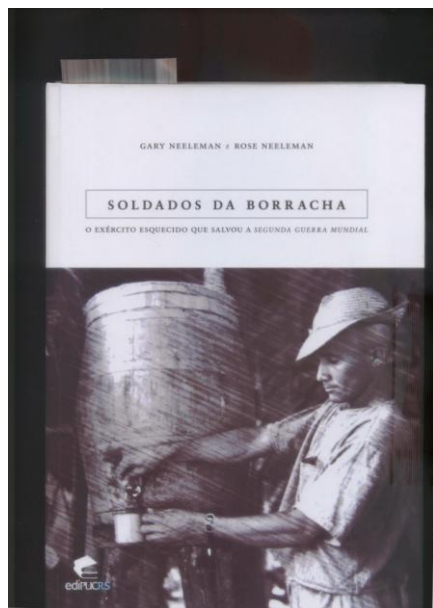
Laboratório de Fogos Artificiais instituído em 1810 no morro do Castelo, foi depois transferido para a Fábrica de Pólvora de Estrela.

Francisco de Paula e Azevedo Pondé - General de Divisão, Patrono de cadeira na Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil. Entre suas obras destacam-se:

- A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos (1957); e
- O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro (1971).

----- (continua no próximo O Tuiuti)-----

Obra à disposição dos integrantes e amigos da AHIMTB/RS



A AHIMTB/RS adquiriu a obra cuja capa segue ao lado, sobre os Soldados da Borracha. Parte da História do Brasil ainda não levantada adequadamente, com o esforço realizado pelo governo Getúlio Vargas no sentido de fornecer látex de borracha para a indústria bélica norte-americana, dentro de acordo militar com o Brasil.

Está à disposição na nossa Biblioteca nos altos do Museu do CMPA.

Obra de autoria dos pesquisadores estadunidenses Gary e Rose Neeleman.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM - Pres. AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Acessem os nossos sites:

www.ahimtb.org.br

e

www.acadhistoria.com.br